Prometeu Acorrentado

de Ésquilo
(525 aC – 456 aC)

Resumo da Narrativa

Mais antigo autor trágico grego, Ésquilo, de acordo com alguns estudiosos, teria sido o próprio inventor do gênero, na forma em que se consagrou. Das noventa peças que teria escrito, chegaram à modernidade apenas seis, entre elas o "Prometeu acorrentado" ("Prometeu desmótes"), representada possivelmente em 458 aC, cinqüenta e nove anos antes da morte de Sócrates. Só existem fragmentos de duas outras peças de Ésquilo sobre o mesmo tema, "Prometeu portador de fogo" *(pyrforos)* e "Prometeu libertado" *(lyomenos),* respectivamente antecessora e continuação do "Prometeu acorrentado" que, com ela, comporiam uma trilogia, procedimento de regra nos festivais de Dionísio. De todas as peças trágicas, esta é a única que só traz personagens divinas (com exceção de Io).

A ação da peça ocorre numa região desolada da Cítia, nome genérico do setentrião selvagem. "Prometheus" significa "o que pensa antes de fazer". O nome da peça recebeu, no Brasil, várias traduções: "Prometeu encadeado" (D. Pedro II); "Prometeu acorrentado" (Barão de Paranapiacaba, Ramiz Galvão, Mário da Gama Kury); "Prometeu agrilhoado" (Bazílio Telles e Ana Paula Sottomayor) e "Prometeu prisioneiro" (J.A.A. Torrano e Trajano Vieira)."

Nos primórdios da humanidade, numa região isolada da Cítia, entram o Poder e a Força (*Krats Kai Bia),* auxiliares de Zeus arrastando Prometeu. O grupo é seguido por Hefesto, que traz consigo seus instrumentos de ferreiro.

"PODER

Aqui estamos nós, neste lugar remoto,
marchando num deserto pelo chão da Cítia
onde nenhuma criatura humana vive.
Pensa somente, Hefesto, nas ordens de Zeus,
teu pai, e em acorrentar nestas montanhas
de inacessíveis píncaros um criminoso
com cadeias indestrutíveis de aço puro.
Ele roubou teu privilégio, o fogo rubro
de onde nasceram todas as artes humanas,
para presenteá-lo aos mortais indefesos.
É hora de pagar aos deuses por seu crime:
e de aprender a resignar-se humildemente
ao mando soberano de Zeus poderoso,
deixando de querer ser benfeitor dos homens.

HEFESTO

Aqui findou, Poder e Força, esta missão
atribuída a vós por Zeus, já a cumpristes
e nada mais agora vos retém aqui.
Quanto a mim mesmo, sinto que me falta o ânimo
para prender, usando a violência, um deus,
um imortal e, mais ainda, meu irmão,
neste cume batido pelas tempestades.
De minha parte, devo encher-me de coragem,
para a missão, pois negligenciar as ordens
de um pai é falta cuja punição é dura,

Dirigindo-se a Prometeu

És muito audaz em todos os teus pensamentos,
filho da sábia Têmis, e contrariando
as minhas intenções e as tuas vou pregar-te
nesta isolada rocha, longe dos caminhos,
com elos inflexíveis de aço indestrutível.
Aqui não poderás ouvir a voz dos homens
nem ver a imagem deles e, sempre queimado
pelo fogo inclemente do sol flamejante,
terás a flor da pele escura e ressecada;
por toda a eternidade verás com alívio
a noite recobrindo a esplendorosa luz
com seu imenso manto repleto de estrelas,
e por seu turno o sol evaporar na aurora
o orvalho gélido, sem que a pungente dor
de um mal perenemente vinculado a ti
descuide-se de corroera tua carne,
pois teu libertador ainda não nasceu.
Eis tua recompensa por haver querido
agir como se fosses benfeitor dos homens.
Deus descuidoso do rancor dos outros deuses,
quiseste transgredir um direito sagrado
dando aos mortais as prerrogativas divinas;
e como recompensa permanecerás
numa vigília dolorosa, sempre em pé,
sem conseguir dormir nem dobrar os joelhos.
Terás tempo bastante aqui para externar
teus gemidos sem fim e vãs lamentações;
é sempre duro o coração dos novos reis." (págs. 15-16)

Hefesto, relutante em cumprir a missão estipulada por Zeus, diz que seus laços de sangue[1] com Prometeu são muito fortes. No entanto, o Poder, alegando o império da vontade de Zeus, que é o

único *"livre entre imortais e homens",* com a ajuda de Hefesto, acorrenta solidamente Prometeu a um rochedo. Ao se retirar, o Poder tripudia:

"PODER

Dirigindo-se a Prometeu

Sê insolente agora à tua maneira
e rouba aos deuses todos os seus privilégios
para entregá-los às criaturas efêmeras!
Que alívio poderão trazer-te os frágeis homens?
Chamando-te de Prometeu os deuses erram;
vai procurar em outra parte quem prometa
livrar-te desta obra bem executada!" (pág. 20)

Prometeu lamenta-se, agitando as correntes que prendem seus membros.

"PROMETEU

Agitado.

Éter divino, ventos de asas lépidas,
águas de tantos rios, riso imenso
das vagas múltiplas dos mares, Terra,
mãe de todos os seres, e tu, Sol
onividente olho, eu vos invoco!
Notai os males que eu, um deus, suporto,
mandados contra mim por outros deuses!
Vede as injúrias que hoje me aniquilam
e me farão sofrer de agora em diante
durante longos, incontáveis dias!
Eis os laços de infâmia, imaginados
para prender-me pelo *novo rei* → Zeus
dos Bem-aventurados! Ai de mim!
Os sofrimentos que me esmagam hoje
e os muitos ainda por vir constrangem-me
a soluçar. Depois das provações
verei brilhar enfim a liberdade?

Reanimado, depois de alguns momentos de silêncio

Mas que digo? Não sei antecipadamente
todo o futuro? Dor nenhuma, ou desventura
cairá sobre mim sem que eu tenha previsto.
Temos de suportar com o coração impávido
a sorte que nos é imposta e admitir
a impossibilidade de fazermos frente
à força irresistível da fatalidade.
Subjugam-me estes males todos – ai de mim! –
por ter feito um favor a todos os mortais.
Em certa ocasião apanhei e guardei
na cavidade de uma árvore a semente
do fogo roubado por mim para entregar
à estirpe humana, a fim de servir-lhe de mestre
das artes numerosas, dos meios capazes
de fazê-la chegar a elevados fins.
Agora, acorrentado sob o céu aberto,
pago a penalidade pela afronta a Zeus!" (págs. 20 e 21)

---

1. Nota do resumidor – Hefesto é primo em segundo grau de Prometeu.

Chega um carro alado a um rochedo próximo àquele onde Prometeu está acorrentado, trazendo s oceanides[2], que formam o coro. As ninfas haviam sido alertadas da presença de Prometeu ali pelo som das batidas do martelo de Hefesto nas correntes com que Prometeu foi fixado à rocha.

> "CORO
>
> *Estamos vendo, Prometeu, e sobe*
> *aos nossos olhos já cheios de lágrimas*
> *a densa névoa devida ao temor*
> *quando enxergamos sobre este penhasco*
> *teu corpo cruelmente ressecado,*
> *preso por estes elos infamantes.*
> *Senhores novos mandam lá no Olimpo;*
> *impondo novas leis Zeus já exerce*
> *poderes absolutos e destrói*
> *a majestade das antigas leis."* (pág. 22)

As oceanides se compadecem de Prometeu e revelam saber dos planos de Zeus para *"domar a raça de Urano antiqüíssimo".* Revelam também que Zeus só será impedido se *"um outro deus tiver a sorte de se apoderar desse trono difícil de ocupar."*

> "PROMETEU
>
> *Deveis ouvir, então, meu juramento:*
> *o dia há de chegar, sem qualquer dúvida,*
> *em que apesar de eu estar humilhado*
> *nestes grilhões brutais, o novo rei*
> *dos imortais terá necessidade*
> *de minha ajuda, se quiser saber*
> *a sorte obscura que o despojará*
> *de suas honrarias e seu cetro;*
> *então, juro que nem os sortilégios*
> *de uma eloqüência feita inteiramente*
> *de palavras de mel, conseguirão*
> *dobrar-me graças a encantamentos,*
> *nem o terror de rudes ameaças*
> *me fará revelar-lhe o meu segredo,*
> *a não ser que ele mesmo já tivesse*
> *desfeito as amarras impiedosas e*
> *consentido em me pagar o preço*
> *devido justamente pelo ultraje."* (págs. 23-24)

Como as oceanides insistem em que Zeus tem *"o coração duro e insensível e não conhece a conciliação",* Prometeu insiste no seu trunfo:

> "PROMETEU
>
> *Sei que ele é intratável e feroz*
> *e faz justiça com as próprias mãos;*
> *mas com certeza chegará o dia*
> *de ele afinal mostrar suavidade,*
> *quando for atingido pelo golpe*
> *a que me referi há pouco tempo.*
> *Na hora inevitável, acalmando*
> *a ira pertinaz, ele sem dúvida*

---

2. Nota do resumidor – Oceanides são ninfas do mar, filhas de Oceano e Tétis.

aceitará minha amizade e ajuda,
pois também estarei impaciente
depois de sua longa intolerância." (pág. 24)

Prometeu conta ao corifeu as razões pelas quais está na situação em que se encontra. Começa dizendo que havia ajudado Zeus na vitória contra Cronos e que, só graças a seus planos, *"hoje um negro antro Tártaro profundo oculta para sempre o muito antigo Cronos com seus prosélitos."* Explica melhor:

"PROMETEU

Quanto à tua pergunta propriamente dita,
respondo-te: depois de sentar-se no trono
de seu pai Cronos, Zeus distribuiu aos deuses
os diferentes privilégios e cuidou
os definir as suas atribuições.
Mas nem por um fugaz momento ele pensou
nos mortais[3] *castigados pelas desventuras.*
O seu desejo era extinguir a raça humana
a fim de criar outra inteiramente nova.
Somente eu, e mais ninguém, ousei opor-me
a tal projeto impiedoso, apenas eu
a defendi; livrei os homens indefesos
da extinção total, pois consegui salvá-los
de serem esmagados no profundo Hades.
Por isso hoje suporto estas dores cruéis,
dilacerantes até para quem as vê.
Por ter-me apiedado dos frágeis mortais
negam-me os deuses todos sua piedade
e estou sendo tratado de modo implacável,
num espetáculo funesto até a Zeus." (pág. 26)

Prometeu continua narrando seus feitos, asseverando ter livrado *"os homens do medo da morte colocando esperanças vãs nos corações de todos."* E que fez mais ainda: *"Dei-lhes o fogo de presente... e... com ele aprenderão a praticar as artes."* O corifeu insiste com Prometeu que ele errou.

"CORIFEU

De que resultam seus caprichos? Inda esperas?
Não percebes que erraste? Tens noção do erro?
Eu não teria a mínima satisfação
em dar-te a minha opinião, e se a ouvisses
por certo sofrerias com minhas palavras.
Mas já falei demais; procura qualquer meio
de te livrares desta provação, coitado!

PROMETEU

Dirigindo-se a todo o Coro

Mas, para quem não sente em sua própria carne
todo este sofrimento, é fácil ponderar
e censurar. Eu esperava tudo isto;
foi consciente, consciente sim, meu erro
– Não retiro a palavra. Por amor aos homens,
por querer ajudá-los, procurei, eu mesmo,
meus próprios males. Nunca, nunca imaginei,

---

3. Nota do resumidor – Consta erroneamente "morais" no original.

porém, que minhas provações implicariam
em ressecar-me para sempre nestas rochas
e que teria por destino ficar só
neste cume deserto para todo o sempre.
Sem lamentar demais minhas dores presentes,
convido-vos a pisar neste chão de pedra
para melhor ouvir os meus males futuros;
assim sabereis tudo, do princípio ao fim.
Cedei à minha súplica! Compadecei-vos
de quem está sofrendo agora; a desventura
não discrimina; segue seu percurso errático,
pousando sobre uns e depois sobre outros." (pág. 28)

Enquanto as oceanides descem do carro alado para ouvir Prometeu, chega Oceano, pai delas, e tio de Prometeu[4] e presta solidariedade ao sobrinho: *"Anima-te! Indica-me qual o apoio que posso oferecer-te, pois nunca terás amigo mais sincero e certo que o Oceano".*

"PROMETEU

Chegaste para ver também o suplicio?
Ousaste, então, abandonar o rio imenso
ao qual deste o teu nome e as muitas cavernas
feitas nas rochas pela própria natureza,
para vir até esta região inóspita
onde nasceu o ferro? Por acaso vens
para ser testemunha de minha desdita,
para te constrangeres com meus grandes males?
Observa bem este espetáculo pungente.
Eu, colaborador, eu, amigo de Zeus,
que o ajudei a instaurar-se no poder,
estou agora aqui, diante de teus olhos,
sofrendo esta agonia a que ele me sujeita!

OCEANO

Sim, estou vendo, Prometeu, e quero dar-te
o único conselho útil nesta hora.,
por mais decepcionado que possas estar;
conhece-te a ti mesmo, amigo, e adaptando-te
aos duros fatos, lança mão de novos modos,
pois um novo senhor comanda os deuses todos.

(...)

Estas minhas palavras talvez te pareçam
apenas velharias; seja como for,
recebes simplesmente a retribuição
às tuas falas muito altivas. Na verdade,
inda não aprendeste a mostrar humildade,
nem a curvar-te, como deves, e pretendes
somar a teus males presentes novos males.
Se tirares proveito de minha lição,
deixarás de espumar agrilhoado aqui." (págs. 29-30)

---

4. Nota do resumidor – Prometeu é filho de Jápeto, que é irmão de Oceano. Oceano é o mais velho dos titãs e o único da primeira geração a não ter participado na revolta de Cronos. Mais tarde, como Prometeu, ficaria ao lado de Zeus na luta contra Cronos.

Prometeu continua achando-se injustiçado:

PROMETEU

Invejo-te, Oceano, por ver-te seguro
depois de haver participado da revolta
e ousado tanto quanto eu; esquece já
teus bons propósitos; pára de pensar neles
e vai embora logo; por mais que te empenhes
não poderás persuadir o novo rei;
ele se faz de surdo a quaisquer argumentos." (pág. 30)

Oceano parte prometendo fazer gestões junto a Zeus para liberar o sobrinho. Prometeu, sarcasticamente, despede-e dele: *"Muito obrigado! Nunca mais te esquecerei; são persistentes tuas boas intenções. Mas não te molestes por isso; teus esforços para ajudar-me agora seriam inúteis, se realmente pretendias exercê-los."* Conta ao tio o episódio de outra derrota, a do gigante Tifeu por Zeus, e profetiza que do Etna, sob cuja cratera Tifeu está enterrado, *"um dia correrão rios de fogo, prestes a destruir com seus dentes selvagens os campos planos da Sicília."*

"OCEANO

Não sabes, Prometeu, que as palavras são médicos
capazes de curar teu mal, este rancor?

PROMETEU

Quando se percebe o momento em que é possível
enternecer o coração, e não se tenta
curar à força rancores que já são chagas.

OCEANO

Não tens meios de ver um castigo atrelado
à arrogância temerária? Esclarece-me!

PROMETEU

Perdemos tempo conversando ingenuamente.

OCEANO

Se isso é um mal, quero ser um doente dele;
Agrada-me parecer tolo por ser bom." (pág. 32)

Com a saída de Oceano, o coro das oceanides faz longa lamentação pelo destino de Prometeu e se queixa de Zeus estar erigindo *"seus caprichos em leis",* dizendo ser esta a opinião e reclamação de que todos os povos daquelas paragens ermas, das filhas de Cólquida à *"floração guerreira lá da Arábia".*

"CORO

Como um longo lamento retumbante,
caem nos mares vagas sobre vagas;
os abismos ululam; as entranhas
do tenebroso Hades subterrâneo
respondem com estrondos sucessivos
e as ondas dos rios de águas sagradas
sussurram suas quedas dolorosas." (pág. 34)

Depois de um longo silêncio, Prometeu retoma seu discurso indagando quem havia concedido *"a esses deuses novos todos os privilégios recém-outorgados?"*

"PROMETEU

Falar-vos-ei agora das misérias todas
dos sofridos mortais e em que circunstâncias

fiz das crianças que eles eram seres lúcidos,
dotados de razão, capazes de pensar.
Farei o meu relato, não para humilhar
os seres indefesos chamados humanos,
mas para vos mostrar a bondade infinita
de que são testemunhas numerosas dádivas.
Em seus primórdios tinham olhos mas não viam,
tinham os seus ouvidos mas não escutavam,
e como imagens dessas que vemos em sonhos
viviam ao acaso em plena confusão.
Eles desconheciam as casas bem-feitas
com tijolos endurecidos pelo sol,
e não tinham noção do uso da madeira;
como formigas ágeis levavam a vida
no fundo de cavernas onde a luz do sol
jamais chegava, e não faziam distinção
entre o inverno e a florida primavera
e o verão fértil, não usavam a razão
em circunstância alguma até há pouco tempo,
quando lhes ensinei a básica ciência
da elevação e do crepúsculo dos astros.
Depois chegou a vez da ciência dos números,
de todas a mais importante, que criei
para seu benefício, e continuando,
a da reunião das letras, a memória
de todos os conhecimentos nesta vida,
labor do qual decorrem as diversas artes.
Fui também o primeiro a subjugar um dia
as bestas dóceis aos arreios e aos senhores,
para livrar os homens dos trabalhos árduos;
em seguida atrelei aos carros os cavalos
submissos desde então às rédeas, ornamento
da opulência. Eu mesmo, e mais ninguém,
inventei os veículos de asas de pano
que permitem aos nautas percorrer os mares.
E o infeliz autor de tantas descobertas
para os frágeis mortais não conhece um segredo
capaz de livrá-lo da desgraça presente!

(...)

Será inda maior o vosso pasmo, amigas,
quando ouvirdes o resto, os recursos, as artes
que imaginei. O mais importante de tudo:
não existiam remédios para os doentes,
nem alimentos adequados, nem os bálsamos,
nem as poções para ingerir, e finalmente,
por falta de medicamentos vinha a morte,
até o dia em que mostrei às criaturas
maneiras de fazer misturas salutares
capazes de afastar inúmeras doenças.
Também apresentei-lhes as diversas formas
da arte hoje chamada de divinatória.

(...)

Eis minha obra. Até os tesouros da terra,
desconhecidos pelos homens – cobre, ferro,
além de prata e ouro – quem lhes revelou
antes de mim? Ninguém, eu sei perfeitamente,
a menos que algum tolo queira gloriar-se.
Para ser breve, digo-vos em conclusão:

os homens devem-me todas as suas artes." (págs. 35-37)

O corifeu diz que espera um dia Prometeu estar livre dos grilhões e poder *"participar do convívio com Zeus em condições iguais",* mas Prometeu diz que ainda chegará *"a hora"*.

"PROMETEU

Ainda não chegou a hora prefixada
pelas Parcas para a reconciliação;
somente após haver sofrido neste ermo
milhares de dores pungentes e outras tantas
calamidades, livro-me destas correntes.
O Destino supera minhas aptidões.

CORIFEU

E por quem o destino é governado? Dize!

PROMETEU

Pelas três Parcas e pelas três Fúrias,
cuja memória jamais esquece os erros.

CORIFEU

Os poderes de Zeus, então, cedem aos delas?

PROMETEU

Nem mesmo ele pode fugir ao Destino.

CORIFEU

O destino de Zeus não é ser sempre o rei?

PROMETEU

Não me interrogues quanto a isto; não insistas.

CORIFEU

Então encobres este segredo divino?

PROMETEU

Falemos de outro assunto; ainda não é tempo
de divulgar segredos desta natureza;
eles estão ocultos em trevas espessas.
Mantendo-os irrevelados, algum dia
(ninguém poderá dizer quando), finalmente
livrar-me-ei de meus tormentos infamantes." (págs. 37-38)

As oceanides, no coro, assustadas com esta revelação, pedem aos *"céus que nunca o rei do mundo, que Zeus jamais pretenda hostilizar-nos com o seu poder!"* e pedem que Prometeu lhes diga: *"Dize-nos logo: em que te favorecem os teus favores aos pobres mortais?"*

Entra Io, transformada em novilha de absoluta brancura, querendo saber quem é o agrilhoado e as moças que o cercam. Antes de obter resposta, Io é picada por um moscardo.

"IO

Ai! O moscardo tornou a picar-me
– pobre de mim! É o espectro de Argos
filho da Terra! Ai! Quanta desgraça!
Afasta-o de mim, Mãe-Terra! Espanto-me
vendo o pastor com seus olhos sem conta!
Ei-lo avançando com seu olhar pérfido!
Embora morto, a Terra, sua mãe,
não quer abrir seu seio generoso
para ocultá-lo. Ele sai novamente

das profundezas infernais, das trevas,
para picar esta infeliz que sou,
para forçar-me a caminhar, faminta,
pelas areias onde o mar termina!" (pág. 40)

Io corre em todas as direções fugindo de um inseto que só ela vê e se lamenta ter sido posta naquela situação por Zeus: *"Mas, qual foi a falta que eu teria cometido, filho de Cronos, para me atrelares a tantos sofrimentos – ai de mim! – e para extenuar desta maneira uma triste demente neste espanto que a segue como se fosse um moscardo?... Ouve, senhor! Atende a minha súplica!... Escuta as lamentações, ou não, da virgem que tem chifres de novilha?"* Como Prometeu a reconhece e a chama pelo nome, ela quer saber quem é ele e se ele sabe se *"existe algum remédio para as minhas torturas?"* Prometeu apresenta-se como o titã[5] que *"deu o fogo aos homens efêmeros"* e explica que estava ali *"pelas mãos de Hefesto e pela vontade de Zeus."*

Como ela quer saber do seu próprio destino, Prometeu a adverte que é melhor ignorá-lo e conhecê-lo, para não *"perturbar o espírito".* Como ela insiste, Prometeu decide falar, mas as ninfas querem antes ouvir dela sua versão dos fatos. Ela conta que tinha seus *"aposentos virginais"* visitado por visões noturnas que lhe davam conselhos como: *"Por que insistes tanto, infortunada moça, em preservar a virgindade quando podes ter o mais poderoso e maior dos esposos? As flechas ígneas dos anseios por ti feriram Zeus; ele deseja ardentemente gozar contigo os prazeres oferecidos pela sagrada Cípris; não penses, criança, em mostrar-te indisposta à união com Zeus; muito ao contrário, parte logo para Lerna e seus campos cobertos de tapetes de ervas, para as pastagens de carneiros e bois, paternos bens livrando assim o olhar de Zeus de seus desejos."*

Conta ainda que seu pai, Ínaco, preocupado, havia mandado mensageiros buscar vaticínios. Depois de várias mensagens ambíguas, surgiu uma que mandava Ínaco expulsar a filha de casa e da pátria *"como animal votado aos deuses"*, sob pena de extinção de sua raça. Uma vez expulsa, a razão e o corpo de Io alteraram-se para a forma de uma novilha e ela passou a ser perseguida por um moscardo *"de longo ferrão agudo."*

"IO

Ficastes conhecendo as minhas desventuras.
Tu, Prometeu, se podes, dize por favor:
que sofrimentos inda me serão impostos?
Relata-os e não tentes, por piedade,
reanimar-me com palavras inverídicas.
Não pode haver no mundo mal mais repugnante
que uma linguagem recoberta pelo engano." (pág. 45)

O corifeu deixa então Prometeu falar sobre o destino de Io, porque *"os enfermos talvez prefiram conhecer seus males claramente e com antecedência."*

Prometeu diz a Io que ela partirá na direção do sol nascente e irá *"adiante pelas longas planuras jamais cultivadas"* até chegar ao território dos cítias nômades, depois ao rio Hibristes e depois, chegando ao Cáucaso, *"a mais elevada de todas as montanhas"*, tomará o rumo sul onde encontrará *"o estranho exército das Amazonas"* que a guiarão *"como amigas"* e por fim:

"PROMETEU

E será sempre relembrada entre os mortais
a história gloriosa de tua passagem
por aquela terra distante, e a passagem
por onde o mar se escoa ganhará o nome
de estreito da novilha. Fora da Europa,
já pisarás na Ásia, outro continente." (pág. 47)

---

5. Nota do resumidor – É usual chamar a segunda geração, de que faz parte Prometeu, de "titãs" como os seus pais.

Acrescenta, no entanto, rapidamente, que aquela longa viagem não constituía *"sequer um rápido prelúdio"*, porque Io teria tido o *"mais cruel dos pretendentes".* Ela ouve e choraminga: *"Ai! Ai de mim!"* Ele a avisa que resta ainda um *"mar revolto de aflições"*. Ela faz menção de suicidar-se e Prometeu lamenta não poder fazer o mesmo.

> "PROMETEU
>
> *Então, penas maiores te consumiriam*
> *se fossem tuas estas minhas provações,*
> *pois meu destino não me concedeu a morte.*
> *Só ela me libertaria de meus males,*
> *mas até Zeus cair de sua onipotência*
> *não antevejo o fim deste cruel suplício!*
>
> IO
>
> *Poderá Zeus um dia cair de seu trono?*
>
> PROMETEU
>
> *Seria indizível a tua ventura*
> *se ainda visses esse evento – penso eu.*
>
> IO
>
> *Não tenhas dúvida, pois Zeus é responsável*
> *por todas estas aflições que estou sofrendo.*
>
> PROMETEU
>
> *Fica sabendo: sua queda ocorrerá.*
>
> IO
>
> *E quem lhe tirará o cetro de tirano?*
>
> PROMETEU
>
> *O próprio Zeus o perderá por vaidade."* (págs. 48-49)

Prometeu explica a Io que Zeus se casará, mas haveria de arrepender-se porque sua mulher parirá um filho ainda mais forte que ele. Prometeu faz outra profecia: um descendente da décima terceira geração de Io iria libertá-lo para agir contra Zeus. Finalmente, Prometeu oferece a Io uma alternativa (um entre dois presentes): conhecer o resto de seus males ou saber quem será um dia o seu descendente libertador. A ninfa que faz o corifeu propõe que Prometeu conte um segredo para cada uma, para Io e para ela.

Prometeu começa orientando Io sobre o seu futuro, advertindo-a a ter cuidado com as Górgonas horríveis, *"terror de todos os mortais, que ninguém pode olhar de frente sem morrer na mesma hora".* Adverte-a também contra os cães de Zeus e com os grifos de bicos aguçados. Aconselha-a a cuidar com os arimaspos, *"criaturas de olho único"*, habitantes das margens do rio Plúton. Enfatiza: *"Tem cuidado!"*

Por fim, Prometeu diz a Io que ela deve seguir pelas margens escarpadas do rio Etíope até o momento em que suas águas confluem com as águas *"sacrossantas e salutares"* do Nilo, que a conduzirá à *"região onde o destino inexorável quer que seja fundada por ti mesma, Io, uma colônia naquele país remoto."* Depois de dissertar longamente, Prometeu propõe resumir:

> "PROMETEU
>
> *Deixo de lado grande número de fatos*
> *para te revelar os teus males futuros.*
> *Também irás às terras planas dos Molossos*
> *e às culminâncias de Dodona, onde ficam*
> *o oráculo do grande Zeus da Tesprotia*
> *e o seu assento e o prodígio inconcebível*
> *dos carvalhos falantes, que em palavras claras*
> *e sem enigmas, te aclamaram como aquela*

que deveria ser a esposa gloriosa
de Zeus onipotente (nada em tudo isso
é agradável à tua memória, Io?).
Picada uma vez mais pelo cruel moscardo,
correste sem parar pela via costeira
em direção ao imenso golfo de Rea
de onde a tormenta que te envolve dirigiu
até este lugar tua corrida errática.
Mas pelos muitos séculos inda por vir
esse mar confinado passará a ser
– fica sabendo exatamente – o golfo Iônio,
e seu nome relembrará a todo o mundo
tua passagem por aquela região.
Aí está a prova de que meu espírito
percebe muito mais do que as coisas presentes." (págs. 52-53)

Continuando, Prometeu profetiza que, na foz do rio Nilo, Zeus devolverá a razão a Io e que de um toque de Zeus nascerá dela um filho, Épafo *"que há de cultivar a região inteira banhada pelo caudaloso rio Nilo"* e que depois de cinco gerações, cinqüenta virgens, descendentes de Épafo, aportarão em Argos, fugindo de primos com quem não querem casar para evitar o incesto, mas eles seguirão *"como se fossem sôfregos caçadores em perseguições a núpcias proibidas"* para consumar o casamento. No entanto, naquela noite, todas estas mulheres matarão seus maridos com um *"punhal fino"*, todas menos uma, Hipermestra, que poupará o marido e com ele começará a estirpe da casa real de Argos, de onde nascerá o herói que libertará Prometeu[6].

Io, transtornada com o vaticínio, sai correndo desvairada. O coro comenta:

"CORO

Sim, era um sábio, um verdadeiro sábio,
o primeiro dos homens cujo espírito
pensou e cuja língua enunciou
que se consorciar estritamente
de acordo com sua condição
é realmente o bem maior e todos,
e que jamais se deve ter vontade,
quando se é apenas um artífice,
de unir-e a um parceiro presunçoso
por causa de sua grande riqueza
e inebriado com sua linhagem.
Queiram os céus que nunca nos vejais,
divinas Parcas sem cuja vontade
nada na vida humana se consuma,
ocupando o lugar de esposa um dia
no leito de Zeus todo-poderoso!
Jamais possamos experimentar
o abraço de um esposo divinal!
Trememos quando contemplamos Io,
a virgem sempre rebelde ao amor,
sofrendo sem um só momento de paz
por causa da perseguição de Hera.
Somente quem nos oferece núpcias
condizentes com nossa condição
não nos causa temor. Só desejamos
que os grandes deuses não nos façam alvo
de seu olhar do qual ninguém escapa.

---

6. Nota do resumidor – Este herói é Héracles.

A escolha deles é como uma guerra
difícil de enfrentar, que nos promete
apenas desespero, pois nos falam
as mínimas condições de defesa.
A vontade de Zeus é irresistível." (págs. 55-56)

Prometeu, depois de um longo silêncio, profetiza:

"PROMETEU

Minha resposta é esta: há de chegar o dia
em que, malgrado a pertinácia de sua alma,
Zeus passará a ser extremamente humilde,
pois os festejos nupciais já programados
custar-lhe-ão o fim do trono e do poder
com seu inevitável aniquilamento;
será então inteiramente consumada
a maldição de seu pai, Cronos, contra ele.

(...)

Zeus ficara sabendo qual é a distância
imensurável entre reinar e servir!" (pág. 56)

A ninfa que faz as vezes de corifeu, impressionada, quer saber se Prometeu está fazendo de *"seus desejos oráculos inexoráveis contra Zeus".* Prometeu diz estar dizendo o futuro e também o seu desejo e que quer ver Zeus com *"os ombros recurvos suportando penas mil vezes mais pesadas do que estas minhas"*.

"CORIFEU

Não tens receio de dizer estas palavras?

PROMETEU

Que temeria quem não poderá morrer?

CORIFEU

E se ele te impuser suplícios mais cruéis?

PROMETEU

Imponha-os! Espero tudo contra mim.

CORIFEU

É sábio quem se curva diante de Adrásteia.

PROMETEU

Bajula, adora o dono do poder! Implora!
A minha preocupação com Zeus é nula.
Que ele aja e reine como lhe aprouver
durante este curto período restante.
Sobra-lhe pouco tempo como rei dos deuses.
Meus olhos vêem o mensageiro de Zeus,
o servo do novo tirano. Com certeza
ele aparece para nos trazer noticias." (págs. 57-58)

De fato, chega Hermes que pousa junto a Prometeu:

"HERMES

Tu, o maior sofista, o mais impertinente
entre os impertinentes, ofensor dos deuses,
ladrão do fogo, escuta! Meu pai te dá ordens

para dizer-me agora: que bodas são essas,
transformadas por ti num medonho espantalho?
Por quem ele deverá ser precipitado
da altura máxima de seu poder imenso
até as últimas profundezas da terra?
Não tentes recorrer a enigmas desta vez!
Chama cada uma das coisas por seu nome
e não me imponhas uma segunda viagem!
Não é esta a maneira de agradar a Zeus!" (pág. 58)

Prometeu responde malcriadamente, dizendo que Hermes havia falado num *"tom repleto de arrogância, digna de moço de recados do deus máximo"* e o enxota, dizendo: *"Retorna, então; percorre com igual presteza a mesma rota por onde chegaste aqui, sem ter achado o que vieste procurar!"*

"HERMES

Tuas maneiras imutáveis e inflexíveis
trouxeram-te a este ancoradouro de dores.

PROMETEU

Fica sabendo ainda: nunca eu trocaria
minha desdita pela tua submissão.
Acho melhor ficar preso a este rochedo
que me ver transformado em fiel mensageiro
de Zeus, senhor dos deuses! Assim mostrarei
aos orgulhosos quão vazio é seu orgulho!" (pág. 59)

Hermes acusa reiteradamente Prometeu de ser merecedor dos males que o afligem e insiste em esclarecer o tal casamento "de Zeus". Prometeu radicaliza:

"PROMETEU

Não há ultraje nem astúcia pelos quais
Zeus possa convencer-me ainda a revelar
o que ele quer saber, antes de me livrar
destes grilhões adamantinos humilhantes!
Já que ele quis assim, deixe sobre meu corpo
as labaredas deste sol destruidor!
Confunda Zeus o universo e o transtorne
cobrindo-o todo com a neve de asas brancas
ao som de trovões e de estrondos subterrâneos!
Nada, força nenhuma pode constranger-me
a revelar-lhe o nome de quem deverá
destituí-lo de seus poderes tirânicos!" (pág. 61)

Prometeu ironiza, dizendo que Hermes está pretendendo dar lições às ondas, que não irá suplicar junto ao deus *"que mais detesta"* e que está longe de *"qualquer atitude dessas".*

Como retaliação, Hermes impõe a Prometeu castigo adicional, na forma de uma águia que lhe come o fígado. O corifeu continua exortando Prometeu a ceder ante as exigências de Zeus.

"HERMES

Pondera, então, se não consigo convencer-te:
um turbilhão, um vagalhão cheio de males
te envolverá – coitado! – inexoravelmente!
Virá agora o cão alado, a águia fulva
que segue Zeus – conviva sem ser convidado,
presente o dia inteiro ao tentador banquete –,
e rasgará teu corpo todo ferozmente
fazendo dele uma enorme posta de carne

e se fartando na iguaria de teu fígado!
Não esperes um fim para a tua tortura,
a menos que apareça por aqui um deus
disposto a te substituir no sacrifício,
e se ofereça a ir ao Hades, onde nunca
penetra a luz, e ao Tártaro, profundo abismo.
Então questiona-te; já não se trata agora
de um simples espantalho, mas sim de palavras
pronunciadas com a máxima clareza.
Não mentem os lábios de Zeus onipotente,
quando ele quer transformar em realidade
tudo que diz. Deves olhar em tua volta;
medita sem imaginar que a teimosia
pode ter o valor da reflexão sensata.

CORIFEU

Em minha opinião não faltam bons propósitos
à linguagem de Hermes; isto é evidente.
Ele te exorta a abandonar a obstinação
e a interrogar somente a reflexão sensata.
Concorda! Para o sábio o erro é humilhante!" (pág. 62)

Prometeu invectiva contra esta nova punição, dizendo *"ser tratado como inimigo pelos inimigos não pode ser considerado infâmia"* e conclui que tem uma certeza: *"ele não pode, embora queira, infligir-me a morte".* Hermes dirige-se às oceanides e lhes pede para afastarem-se, *"se não quiserem que o fulgor fugaz de um raio vos atinja"*. Elas respondem:

"CORO

Dirigindo-se a Hermes

Adota outra linguagem e enuncia
opiniões que possam convencer-nos.
Em tua falação torrencial
acabas de dizer certas palavras
intoleráveis; tentas incitar-nos
a cultivar agora a covardia?
De modo algum! Sofreremos com ele!
Sabemos odiar a traição;
detestamos também este defeito!" (pág. 64)

Depois que Hermes parte, ouvem-se estrondos subterrâneos e Prometeu comenta:

"PROMETEU

Mas, eis os fatos, não simples palavras;
a terra treme, e também repercute
em seus abismos a voz do trovão;
em sinuosidades abrasadas
já resplandece o raio; um ciclone
volteia e forma turbilhoes de pó;
os sopros do ar lúcido se lançam
uns contra os outros e se digladiam;
os ventos já estão em plena guerra
o céu já se confunde com o mar.
Eis a rajada que, para espantar-me,
vem decididamente contra mim,
mandada por Zeus todo-poderoso.
Ah! Minha majestosa mãe, e o Éter
que faz girar ao redor deste mundo
a luz oferecida a todos nós!
Vedes a iniqüidade que me atinge?" (págs. 64-65)

Entre relâmpagos, trovões e terremotos desaparecem Prometeu e as Oceanides do Coro.

(Resumo feito por José Monir Nasser. Os trechos transcritos são da edição "Tragédia Grega", volume VI da Jorge Zahar Editor, 2004, 5ª edição, Rio de Janeiro, tradução de Mário da Gama Kury)